

A função documentária: estudo em uma perspectiva histórica¹

Marie-France Blanquet²

Marie-France Blanquet

Autora. Professora Sênior em Ciências da Informação na Universidade de Bordeaux 3.

Camila M. A. da Silva

Tradutora. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Ciência da Informação pela UFMG. Graduada em Biblioteconomia e História pela UFMG.

Marcílio de Brito

Revisor da tradução. Doutor em Informática Documentária pela Universidade Claude Bernard Lyon I / École Nationale Supérieure de Sciences de l'Information et des Bibliothèques-ENSSIB – Lyon-França. Professor adjunto da Universidade de Brasília (UnB).

Cristina Dotta Ortega

Revisora da tradução. Doutora e mestre em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo (USP). Graduada em Biblioteconomia pela USP. Professora associada da Escola de Ciência da Informação da UFMG.

A história do termo “documentação” começa pelo nascimento de uma palavra que tem suas raízes em um termo de origem latina: “document”. O *documentum*, até o século XVII, é, em uma acepção jurídica, “o que serve para instruir”. A instrução do documento é então sinônimo de prova. Apenas mais tarde o conceito adquirirá o significado de aprendizado ou de comunicação de um conhecimento.

História de uma palavra

Os historiadores de palavras situam em 1870 a aparição de “documentação”. Ela foi precedida em 1769 pelo surgimento da forma

¹ Traduzido de: BLANQUET, Marie-France. La fonction documentaire: etude dans une perspective historique. **Documentaliste – Sciences de l'information**, v. 30, n. 4-5, p. 199-204, 1993.

² N.T.: Hoje aposentada, Marie-France Blanquet, à época da publicação, era *maitre de conférence* na Université de Bordeaux III, Institut Universitaire de Technologie B, department Carrières de l'information.

verbal de "document": "documentar", definida como "apojar sobre documentos, fornecer documentos". Esse significado confirma a ideia de documento como prova, como ilustração de um discurso, de uma afirmação.

Quem primeiro pronunciou o termo "documentação"? Ninguém sabe verdadeiramente. Como é o caso de todos os neologismos, o nascimento da palavra reflete um fato que está em sintonia com o tempo, que corresponde a uma necessidade, a uma preocupação que nenhuma palavra então existente permite designar plenamente, ou de modo satisfatório. Um homem dará a esta palavra recém-chegada seu título de nobreza e, mesmo que isto seja contestado por alguns, pode-se atribuir-lhe a paternidade. Trata-se de Paul Otlet.

Otlet é um homem extraordinário e apaixonado, um internacionalista convicto. Sua personalidade e sua história nos interessam porque este homem deu sua vida e sua fortuna para defender uma causa: a da documentação. Para este mundialista amante da paz, a documentação só pode ser um passo em direção ao entendimento entre os homens. A documentação é constantemente descrita em termos de compartilhamento de saberes e troca de informações, condições para o estabelecimento da paz na terra. Sendo o progresso da ciência um trabalho coletivo, as informações devem circular entre todos os pesquisadores ou aqueles que delas têm necessidade, de uma maneira tão rápida e completa quanto possível. Assim, a documentação tem sua origem em uma filosofia, uma concepção do homem e do seu futuro. Certamente, esta filosofia é muito parecida com uma utopia. Mas lembrar-se dela, nestes tempos em que a informática é onipresente, talvez valha a pena...

P. Otlet publica em 1934 o *Traité de documentation : le livre sur le livre: théorie et pratique* [1]. Este tratado permanece como "livro de referência", nas palavras de Robert Estivals, para todos aqueles que se interessam pelas ciências da informação. Muito antes dessa publicação, em 1892, Otlet havia criado com um de seus amigos, Henry La Fontaine, o *Office International de Bibliographie* (OIB). O OIB tornou-se *Institut International de Bibliographie* (IIB) em 1895, data na qual foi igualmente realizada a primeira *Conférence Internationale de Bibliographie*, que assume em 1924 a forma de uma federação, com cinco membros nacionais. Em 1931, por ocasião da décima *Conférence Internationale de Bibliographie et de Documentation*, o IIB transforma seu nome para *Institut International de Documentation* (IID), alteração significativa traduzindo a crescente importância adquirida no mundo pela documentação sob todas as suas formas.

Esta é a primeira vez que o termo "documentação" aparece no título de uma organização não governamental. O IID se tornará mais tarde a *Fédération Internationale de Documentation* (FID), rebatizada em 1988 *Fédération Internationale d'Information et de Documentation*. Enquanto isso, P. Otlet, sempre preocupado em promover a cooperação internacional, elabora vários projetos de organizações mundiais:

biblioteca, museu (*Mundaneum*), cidade mundial, e incita várias reuniões internacionais, das quais uma, em 1910, se intitula *Congrès International de Bibliographie et de Documentation*. Naquele ano, os dois amigos criam a *Union des Associations Internationales*. Todas estas iniciativas estão marcadas com o selo do internacionalismo. P. Otlet e H. La Fontaine viveram constantemente preocupados com o planeta: a Terra, seu ocupante: o Homem, seu destino: a Paz.

Publicações, reuniões, criação de associações dedicadas à documentação... Pode-se dividir em três períodos a obra de Paul Otlet, três etapas sobre as quais vamos nos deter:

-1890: o que está em causa é somente a "bibliografia";

-1910: por ocasião de um simpósio, o termo "documentação", que faz então uma de suas primeiras aparições públicas, convive com o termo "bibliografia";

-1930: o termo "bibliografia" desaparece para ceder lugar à "documentação".

Por que essa evolução? Para responder a esta questão, é necessário definir muito claramente a bibliografia a fim de compreender a emergência da palavra "documentação". Ao considerar as três datas que acabamos de mencionar, compreende-se que existe uma ligação muito estreita entre bibliografia e documentação. No entanto, se este último termo apareceu, é para marcar novidades, diferenças. São elas que nós buscamos compreender estudando a função documentária.

1890: a bibliografia sem a documentação

A bibliografia é uma ciência antiga. A palavra "bibliografia", nos lembra Louise-Noëlle Malclès, de quem tomamos emprestadas estas informações permitindo compreender as funções da bibliografia [2], é posterior ao objeto que ela designa: o repertório de títulos. Esta, sob a forma impressa, aparece em 1494, logo após a invenção da tipografia. Mas sua origem sob a forma de manuscrito é muito mais antiga. Cláudio Galeno, médico grego do século II depois de Cristo, escreve *De libris propriis* ou lista de suas obras, primeira expressão da ideia bibliográfica. Mais tarde, caberá aos homens instruídos a preocupação de reunir os títulos de livros recentemente impressos.

Visto que a função já existe – ela se incorpora na publicação de muitos repertórios multiplicados no século XVIII, sob nomes diversos: *bibliotheca*, *inventarium*, *index* – a palavra "bibliografia" apareceu pela primeira vez, em 1663, sob a caneta de Gabriel Naudé, então secretário e bibliotecário do cardeal Mazarin. O novo nome não provoca nenhuma modificação na função bibliográfica. São sempre os estudiosos e eruditos que lhe asseguram. Uma evolução notável, todavia, ocorre devido ao movimento das pessoas que, progressivamente, operam a prática da bibliografia: é o próprio estudioso que, em um primeiro momento, repertoria suas próprias obras; é seu biógrafo quem assume a continuidade. Ambos trabalham isoladamente, sem regras técnicas nem

métodos comuns aparentes. O biógrafo será posteriormente substituído pelo bibliógrafo responsável por repertoriar os títulos dos livros multiplicados com o aparecimento da impressão.

Paralelamente, a bibliografia dá origem a estudos teóricos e é elevada à categoria de ciência significativa pelo livreiro parisiense Jean-François Née de La Rochelle (*Discours sur la science bibliographique et sur les devoirs du bibliographe*, 1782). Assim, esta última sai de sua dependência paleográfica para se tornar uma disciplina específica, uma ciência autônoma. Sua problemática, ou seu objeto, é anunciada pelo historiador Charles Victor Langlois da seguinte forma: “*Como fazer para que o público esteja em condição de se informar rapidamente e seguramente dos recursos de todos os tipos que oferece a enorme biblioteca acumulada por escritores de todos os tempos e de todos os países, isto é, o patrimônio literário e científico da humanidade? Como organizar este patrimônio de maneira que todos interessados possam aproveitá-lo da forma mais completa e confortável possível? Este é o enunciado mais geral do problema bibliográfico*”. Substituindo a última palavra desta declaração por “documentário”, o documentalista contemporâneo poderia muito bem usar esta frase para definir o problema de sua própria disciplina.

Deve-se notar que o termo “bibliografia” é citado pelo Dicionário da Academia Francesa apenas em 1762, cem anos após o seu aparecimento, com a definição de “*ciência do bibliógrafo*”. C-V. Langlois, contemporâneo de P. Otlet, a definia como “*a parte da ciência dos livros que lida com repertórios e fornece os meios para obter informações sobre as fontes*” (citado por Malclès). O *Institut International de Bibliographie*, criado em 1985, é inspirado por esta definição, com uma missão essencial que atende as quatro operações que constituem a bibliografia: buscar, registrar, descrever e ordenar os impressos. O IIB recebeu a missão de criar um repertório bibliográfico universal incluindo registros de obras publicadas desde a invenção da imprensa. Esse repertório é criado. Ele conta com mais de 17 milhões de registros e provavelmente representa uma das maiores e mais vastas bibliografias gerais retrospectivas do mundo, o primeiro grande banco de dados.

É para esse repertório que, inspirados pela Classificação Decimal de M. Dewey, P. Otlet e H. La Fontaine criam a Classificação Decimal Universal (CDU). Na elaboração e aplicação dessa nova classificação já se manifesta esta que continuará a ser a preocupação constante do fundador da documentação: facilitar o acesso à informação, colocá-la ao alcance do maior número de pessoas. Os bibliógrafos, os bibliotecários, ferozes defensores da ordenação, não foram receptivos ao princípio da classificação em geral, da CDU em particular. Seus autores serão tratados de “infelizes alienados” [3]!

Em nossa opinião, este é o sintoma de uma ruptura. Naquela época, tanto os bibliógrafos como os bibliotecários viam em sua ciência uma única função: a de memorização. Conscientemente ou inconscientemente,

eles fazem da função da difusão, do acesso à informação, uma função secundária, embora ela seja essencial!

1910: a bibliografia e a documentação

O termo “documentação” aparece acompanhado do termo “bibliografia” como um complemento, uma precisão suplementar. A associação deste novo termo com um termo de uso corrente revela duas significações: primeiro ela exprime a linha contínua que existe entre as duas palavras; em seguida ela exprime uma novidade. Bibliografia e documentação são parte da mesma família, realizam funções idênticas ou análogas, e trabalham a partir da mesma matéria-prima: o documento. O termo “documentação”, no entanto, indica diversas aberturas. Quais são as funções essenciais e específicas desta disciplina?

P. Otlet dá à documentação a seguinte definição. Ela compreende oito pontos: “*Os objetivos da documentação organizada consistem em poder oferecer sobre qualquer espécie de fato e de conhecimento informações documentadas: 1º universais quanto ao seu objeto; 2º corretas e verdadeiras; 3º completas; 4º rápidas; 5º atualizadas; 6º fáceis de obter; 7º reunidas antecipadamente e preparadas para serem comunicadas; 8º colocadas à disposição do maior número possível.*” [1]³. Coloquemos essa definição junto àquela de bibliografia emitida pela UNESCO (citado por Malclès): a bibliografia “*fundamenta-se na pesquisa, no registro, na descrição e na ordenação dos textos impressos ou multigrafados⁴ com o objetivo de constituir repertórios de livros destinados a facilitar a pesquisa intelectual*”. O estudo comparativo dessas duas definições nos permite compreender que a documentação tem uma função primordial: a difusão da informação. Três diferenças essenciais entre essas duas disciplinas resultam, em efeito, desta comparação: elas concernem à natureza do documento sobre o qual se apoiam bibliografia e documentação, à sua finalidade e à sua filosofia.

A bibliografia se limita aos livros, e que ela se limite aos documentos dessa natureza é essencial. A documentação se abre para a informação documentada, ela trata documentos de múltiplas naturezas, e a natureza do documento assume lugar secundário em relação à informação nele contida. A documentação engloba todos os tipos de documentos e de

³ N.T.: Trecho conforme tradução para o português da obra original.

OTLET, Paul. **Tratado de documentação**: o livro sobre o livro teoria e prática. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2018. Disponível em: https://archive.org/details/Tratado_de_documentao_paul_otlet. Acesso em: 5 nov. 2018.

⁴ N.T.: Segundo o dicionário Houaiss (2004), multigrafar consiste em reproduzir textos, desenhos etc. a partir de uma matriz.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

escritas, todos os suportes de informação. P. Otlet não criou o termo “multimídia”, mas ele não o teria renegado (1).

Em segundo lugar, a bibliografia tem como objetivo constituir repertórios. Ela aparece como uma imensa coleção, uma preocupação de conservar o patrimônio cultural bibliológico. A documentação ultrapassa esta função de conservação e abre o debate da difusão da informação, da troca de conhecimento, da transferência de dados. A documentação visa, sem limite de fundo ou de forma, a comunicação da informação. Ela deve ultrapassar o repertório como um meio de difusão e exercitar o espírito inventivo para inaugurar novas formas de difusão.

Enfim, a bibliografia é destinada a facilitar a pesquisa intelectual. A documentação fala da disponibilização a um maior número de pessoas. A pesquisa intelectual concerne apenas a uma categoria de usuários determinados: o pesquisador, o professor, o estudante... A documentação, ao contrário, quer democratizar a informação, não excluindo, em sua própria definição, nenhum tipo de usuário nem de necessidade. A essência da documentação é, portanto, a busca da informação com vistas à sua comunicação.

1930: a documentação sem a bibliografia

O termo “documentação” aparece sozinho pela primeira vez. Ele adquire uma autonomia linguística que reflete a autonomia da disciplina tal como acabamos de descrever... Filha da bibliografia, a documentação atinge sua maturidade própria; ela se torna importante, de alguma maneira. Esta autonomia e personalidade residem em sua função essencial: a comunicação, a transferência de informação.

Para alcançar este objetivo, a pesquisa de informação deve ser exaustiva (“informações... universais, completas”), pertinente (“seguras e verdadeiras”), correntes (“atuais”). Estas três características são necessárias para permitir uma comunicação da informação sem demora (“reunidas com antecedência e prontas para serem comunicadas”), sem obstáculos (“fáceis de obter”), adaptada (“disponíveis para um público mais amplo”).

O fácil acesso de todos à informação é o aspecto essencial da definição proposta pelo inventor do conceito de documentação. É necessário conservar e tratar a informação a fim de distribuí-la da maneira mais eficaz possível àqueles que dela necessitem. Notemos a importância atribuída pelo pai da documentação à atualização da informação: “sem demora, atualizada”. Otlet tinha consciência de que nós vivemos na era da ciência e tecnologia. Esta era estava apenas começando, porém, a vida da maior parte dos seres humanos encontrava-se profundamente modificada. Das carroças às naves espaciais, das velas às usinas nucleares, menos de cem anos se passaram. É porque o progresso científico e tecnológico ocorre rápido que nasceu a documentação.

Mas voltemos à nossa história... Seria necessário aguardar até os anos cinquenta para que a palavra "documentação" fizesse sua aparição nos dicionários usuais de língua francesa de maneira sistemática e em sentido modernizado (2). A definição dada é frequentemente concisa, tautológica: "ação de se documentar, resultado desta ação". Definição interessante, todavia, porque a ação de documentação vai se concretizar com a aparição de uma profissão. Isso revela que a função documentária é também uma função social desempenhada pelos documentalistas.

Nascimento de uma profissão...

O segundo ponto da história que nos interessa para compreender a função documentária é o surgimento do documentalista. A origem dessa profissão está diretamente ligada ao termo "documentação". Ela aparece nos anos cinquenta. Precisamente em 1950 é aberta no *Conservatoire National des Arts et Métiers* (CNAM) uma formação em documentação, assegurada pelo *Institut National des Techniques de la Documentation* (INTD). Porém, será necessário esperar os anos sessenta para que o termo "documentalista" apareça nos dicionários. E ainda, diz G. Pierson [4], essa aparição não se faz a partir de consenso, mas a partir de divergência, com paradoxos e contradições. A maioria dos dicionários usuais não incorpora a palavra até 1970, reconhecendo seu nascimento seja nos anos 1930, seja em 1950 (3).

Sabiam que o termo "*fichiste*" foi proposto para designar o profissional encarregado da documentação? Sabiam que "documentalista", construído sobre o modelo de "jornalista", poderia ser igualmente o nome dado a esta profissão? Nós poderíamos ser também "documentadores" e "documentores". Já que existem "exploradores", "observadores"... Então, por que uma palavra construída a partir de uma raiz que não existe em nossa língua: "documental ... ista"? Pouco importa que não tenhamos a resposta. Nós preferimos tirar as primeiras conclusões que sugerem a história de duas palavras – documentação, documentalista – que acabamos de recordar.

A palavra e a profissão são recentes. Trabalhamos, portanto, com um assunto jovem, com dados relativamente novos. Como todos os termos novos, a "documentação", já dissemos, nasceu para designar algo que ainda não existia, para pôr e se opor: "a favor" para mostrar sua filiação com a bibliografia, marcar sua função de coleta e conservação do documento; "contra" para se diferenciar dos limites próprios à bibliografia, operar uma ruptura com a função exclusiva de recenseamento, criar uma abertura para todos os tipos de documentos, assegurar novas funções, diferentes daquelas que assegura a bibliografia. Acontece o mesmo com a profissão que surgiu para desempenhar as tarefas que não foram assumidas pela bibliografia. A documentação se estabelece, portanto, sobre uma base conhecida. A parte desconhecida e nova que ela representa é que nos interessa aqui.

Toda profissão responde a três questões fundamentais: Por quê? Para quem? Como? Sendo assim, toda profissão pode ser simbolizada pela construção de dois eixos: um eixo essencial e permanente representado pelas funções, os saberes fundamentais (Por quê? Para quem?). Um eixo existencial, tributário de variações, de mudanças e representado pelos métodos, as técnicas, o *savoir-faire*, os equipamentos ou ferramentas utilizadas para executar essas funções (Como?). A questão fundamental na construção destes dois eixos é saber qual é o grau de solidariedade ligando a função à ferramenta, a dependência do por que ao como. Deve-se determinar se estes dois eixos se distinguem ou, inversamente, se interpenetram na medida em que a profissão ligada ao equipamento desaparece quando este último torna-se obsoleto. A documentação para a qual buscamos determinar as funções não escapa a esta análise.

O primeiro trabalho documentário reside na capacidade de memorizar a informação para poder, por demanda, encontrá-la e comunicá-la. Trata-se, com efeito, de não esquecer, ou seja, – como para a memória humana – de criar traços necessários para reavivar o passado. Mas, atualmente, memória, memorização evocam inevitavelmente informática, computador. O casamento entre informática e a documentação foi objeto de muitos debates. Uma série de estudos com títulos evocativos suscitaram interrogações, inquietações. Na era da informática, seremos nós os dinossauros? Será a morte da documentação, na era da informação online, *au bout du fil*⁵? O cenário do apocalipse começou? Será que seremos apenas pequenas mãos da tecnologia da informação [5]? Em suma, a documentação será objeto de uma automação integral? O computador substituirá o documentalista?

A atividade documentária concebida para coletar, tratar e difundir a informação se vê, depois de uma década, confrontada pelas mudanças tecnológicas e econômicas. Tecnológicas com a introdução da informática, econômicas com a noção de rentabilidade do trabalho documentário. As novas tecnologias tornam a documentação obsoleta, ou, ao contrário, amplificam sua importância? As duas teses estão presentes quando se considera as múltiplas denominações existentes para designar um idêntico saber e *savoir-faire*: aquele do documentalista. Uma investigação conduzida pelo *Institute Universitaire de Paris* identificou, a partir de ofertas de emprego, mais de 1300 termos diferentes para designar a função documentária [6]. Esta extrema diversidade de denominações (pesquisador, fornecedor de informação, corretor, produtor...) atesta a grande variedade de funções que assume a documentação, ou, ao contrário, significa que a função documentária está ultrapassada, desatualizada, fora de moda, não correspondendo mais a qualquer necessidade da nossa sociedade contemporânea? P. Otlet havia criado uma palavra incluindo uma profissão. Podemos afirmar que, a exemplo de

⁵ N.T.: A autora faz um trocadilho ao contrapor *au bout du fil*, no sentido de fim (reta final, fim da linha), com *au bout du fil*, expressão usada por Otlet que pretendia fornecer informação por telefone, personalizada, ponto a ponto.

algumas funções desempenhadas por profissões em extinção, a documentação e o documentalista chegaram ao término de sua carreira?

... e suas perspectivas

Nós respondemos “sim” se limitamos a documentação a uma função “mecânica” de memorização. As funções clássicas de estocagem e de registro de informação já são objeto de uma grande automação. A análise e a busca de informação são cada vez mais assistidas por computadores. Se damos à documentação apenas uma função técnica, todo o saber e o *savoir-faire* sobre os quais ela repousa serão mais cedo ou mais tarde automatizados. Desaparecerão a análise, a indexação. A busca de informações será feita no texto completo com o auxílio de um sistema sofisticado, nascido da pesquisa atual sobre inteligência artificial. O usuário terá assim acesso direto à informação desejada sem precisar transitar pelos serviços de um intermediário: a unidade de informação, o documentalista, a análise do documento, o tesouro, o boletim bibliográfico... Todas estas técnicas que usamos ainda hoje estarão ultrapassadas amanhã. Elas ainda são válidas na era do artesanato documentário. Elas desaparecem na era da indústria documentária. Desaparecem também os saberes e o *savoir-faire* documentários, como desapareceram, com a eletricidade, os moinhos de vento e os moleiros que os faziam rodar.

Se, ao contrário, vemos na documentação outra coisa além de uma função técnica de memorização, ligada aos métodos e aos instrumentos, então podemos afirmar que os métodos passam, os instrumentos mudam, mas a função documentária permanece. Ao contrário, instrumentos cada vez mais eficazes lhe oferecem possibilidades de se desenvolver, de se realizar completamente por intermédio de homens livres de restrições e de tarefas materiais. É no sentido desta resposta que nos orientamos porque a documentação se estabelece essencialmente sobre faculdades especificamente humanas. Para memorizar informações, é necessário primeiro saber encontrá-la, selecioná-la, avaliá-la; isso requer criatividade, curiosidade, inteligência. Para saber distribuir a informação, é necessário saber adaptar-se, compreender; e isto se baseia na inteligência e na intuição, faculdades ainda não automatizadas!

Nessas operações, o instrumento informático torna-se um precioso auxiliar, mas somente um auxiliar. Ele permite colocar em evidência a função primeira e específica da documentação, reconectar-se com suas raízes, atender seus objetivos fundamentais.

Em 1672, A. Baillet (citado por Malclès) escrevia “que *iríamos muito mais longe nas artes e nas ciências se tivéssemos um conhecimento preciso dos livros que deveriam ser lidos e daqueles que deveriam ser deixados*”. Convencido da inutilidade de muitos deles, ele concebia que o primeiro dever de um bibliotecário (acrescentamos: de um documentalista!) era indicar aqueles livros cuja leitura é recomendada. Trezentos anos mais tarde, encontramos em outras palavras o mesmo

desejo: *"Todos os serviços de pesquisa bibliográfica deveriam tornar-se serviços especializados de informação com os quais os pesquisadores poderiam contar"* [7]. Não nos esqueçamos de que a etimologia de documento é *docere* que significa "ensinar". Mais do que listas cumulativas recenseando o que existe, o usuário preferiria frequentemente que lhe déssemos um conselho, um julgamento, o nível dos documentos, seu valor intelectual. A documentação se baseia na informação. Esta é a matéria-prima sobre a qual ela trabalha. Isso exige saber fazer a expertise de minas de informação. Mas essa faceta da função documentária parece um tanto quanto esquecida nas unidades de informação, por vezes demasiadamente absorvidas no tratamento da informação. Estamos na situação um tanto paradoxal de um especialista em geologia, por exemplo, que saberia dizer "É aí que se encontra uma mina de urânio", mas não saberia dizer se vale a pena explorá-la. Sobre os documentos e as informações que detêm, os documentalistas emitem com muita frequência apenas juízos de existência, embora caiba a eles emitir juízos de valor.

Libertada de um grande número de tarefas materiais, a documentação deve, hoje em dia, colocar-se questões essenciais, relativas, em particular, à qualidade de seus serviços, à utilidade de sua ação. Porque a documentação responde, como já vimos, a uma necessidade social vital. A informação hoje em dia é um recurso socializado, matéria-prima de importância fundamental para as sociedades, os grupos sócio-profissionais, as nações, os indivíduos. A informação representa a herança da humanidade em matéria de conhecimento. Newton disse: *"Eu pude encontrar aquilo que procurava porque eu subi nos ombros da geração que me precedeu"*. Não é esta uma fórmula magnífica para todos aqueles que se preocupam com os problemas colocados pela transferência de informação? Esta última é um recurso. Ela é também uma ferramenta necessária para avançar dentro de um domínio. Ela é enfim um meio de formação. Todas as sociedades tomaram consciência da importância da informação, condição de sua sobrevivência.

Esta tomada de consciência é incorporada, a nível nacional, pela criação de organismos governamentais encarregados de gerenciar a política de informação científica e técnica. Ela é incorporada igualmente pela presença de associações profissionais ativas, da formação diplomada em documentação... Em escala internacional, o trabalho do PGI-UNISIST⁶ caminha no mesmo sentido. O estudo sobre a realização de um sistema mundial de informação científica efetuado conjuntamente pela UNESCO e pelo *Conseil International des Unions Scientifiques* (CIUS)

⁶ N.T.: Na década de 1970, a UNESCO (1998) propôs um sistema mundial de informação científica chamado UNISIST (*United Nations International System for Information in Science and Technology*) e um programa baseado no planejamento integrado de bibliotecas, arquivos nacionais e serviços de documentação, o NATIS (*National Information System*). Em 1976, a fim de unificar as atividades de informação desenvolvidas pelo UNISIST e pelo NATIS, foi criado o PGI (*General Information Programme*).

UNESCO. **Elements for discussing the re-structuration of intergovernmental bodies in the area of information and informatics.** Paris, 1998. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001132/113270eo.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2018.

insiste constantemente na importância da informação considerada como recurso mundial a qual cada um, de acordo com seu nível e suas necessidades, deve ter acesso. *"Nós chegamos a um momento em que a ciência domina a vida de todos os seres humanos. Por esta razão, a matéria-prima da qual se nutre - a saber, a informação - é de uma importância vital para a sociedade mundial"* [8].

Em 1936, G. H. Wells⁷, mais conhecido por ter escrito *O Homem Invisível*, tinha esboçado a ideia de uma enciclopédia universal cujo papel seria *"produzir sínteses intelectuais de todo tipo, vivas, dinâmicas e continuamente revisadas..."* [9]. Muito mais tarde, os autores do projeto UNISIST retomam essa ideia e insistem na importância da síntese da informação que não é mais somente acumulada e memorizada em uma imensa soma do saber humano. Isso é o que representa hoje o mercado de bancos de dados: saber estratificado. É necessário propor sínteses, estados da arte, eliminar as redundâncias, avaliar a qualidade e a validade da informação e dos dados científicos. *"O essencial pode ser resumido em duas proposições: primeiramente as dimensões, a dispersão crescente da informação... [devem] incitar a comunidade científica a dedicar-se cada vez mais às reflexões e esforços na organização contínua desse conhecimento... Por outro lado, em razão dessa necessidade, os especialistas da informação deveriam cooperar mais estreitamente com os pesquisadores dos domínios científicos onde eles operam para desenvolverem instrumentos eficazes de avaliação e de síntese da ciência"* [8]. É sobre esta *"enciclopédia viva"*, para retomar a expressão de Wells, que reside a pertinência da comunicação da informação, função essencial da documentação.

Como dispor o patrimônio literário e científico da humanidade de modo que todos os interessados desfrutem o mais plenamente e confortavelmente possível? questionava Langlois a respeito da bibliografia. A documentação, que é mediação e transferência, é a resposta a esta questão.

(1) Reconhecidamente, o suporte mais utilizado para a difusão de informações ainda é o impresso, mas ele começa a sofrer a concorrência de outras formas de documentos. Não nos esqueçamos de que o *Mundaneum* está cheio de cartazes, postais, periódicos... P. Otlet previu a multiplicidade de formatos da informação.

(2) Em dicionários anteriores a 1950, ela aparece como *"o trabalho através do qual sustenta-se uma obra sobre documentos"*; isto é, como prova ou ilustração.

(3) *"Pessoa que reúne, ordena, conserva e utiliza documentos em nome de uma comunidade, de um serviço público, etc."*. Definição inalterada nas edições de 1969 e de 1991 (Larousse).

⁷ N.T.: A grafia foi erroneamente registrada uma vez que o autor Herbert George Wells ficou conhecido como H. G. Wells.

Referências

- [1] P. Otlet. — *Traité de documentation : le livre sur le livre : théorie et pratique.* — *Reprod. en fac sim.,* préf. de Robert Estivais, avant-propos d'André Canonne. — Liège : Centre de lecture publique de la Communauté française de Belgique, 1989.
- [2] L.-N. Malclès. — *La bibliographie.* — Paris : PUF, 1967.
- [3] R. Dubuc. — *La classification décimale universelle (CDU) : manuel pratique d'utilisation.* — Paris : Gauthier-Villars, 1973.
- [4] G. Pierson. — « Le mot documentaliste ». — *Documentaliste- Sciences de l'information*, mars 1978, vol. 15, n° 2.
- [5a] M. Flower. — « Librarians dinosaurs in an electronic age? ». — *Special libraries*, 1980, vol. 68, n° 2.
- [5b] A. K. Kent. — « Dial up and die: can Information Systems survive to online age? ». — *The Information scientist*, 1978, vol. 12, n° 1.
- [5c] D. Lewis. — « To day's challenge - tomorrow's choice: change or be changed or the doomsday scenario ». — *Journal of information Science*, 1980, vol. 2, n° 2.
- [6] « Informatique documentaire : documentalistes, qui êtes-vous ? ». — *01 Informatique*, 4 mai 1987.
- [7] M. Moureau. — *La formation des utilisateurs de bases de données en ligne à l'Institut français du pétrole.* — Compiègne : BUTC, 1986.
- [8] UNESCO-CIUS. — *UNISIST : étude sur la réalisation d'un système mondial d'information scientifique.* — Paris ; Unesco, 1971.
- [9] H. G. Wells. — *World encyclopedia.* — New York: J. Wiley, 1967.